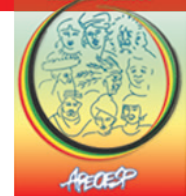


boletim da CONSCIÊNCIA NEGRA



www.apeoesp.org.br

Coletivo Anti-racismo
"Milton Santos"



20 de Novembro de 2023

Editorial

Brasil comemora 20 anos da Lei 10.639 e outras conquistas

A celebração dos 20 anos de implementação da Lei Federal 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, a retomada do Plano Juventude Negra Viva e a intensa campanha para a indicação de uma jurista negra para o Supremo Tribunal Federal seriam motivos de grande comemoração neste Dia da Consciência Negra, finalmente oficializado como feriado no Estado de São Paulo.

Mas, estas inegáveis conquistas ocorrem em meio à absurda escalada da violência policial nas periferias do País. Atenta à urgência destas questões, a APEOESP decidiu durante o XXVII Congresso Estadual, realizado no último mês de setembro, acrescentar a 'Promoção da Igualdade Racial' ao nome da sua Secretaria de Políticas Sociais.

O Sindicato também tem agora a Secretaria de Direitos Humanos, uma iniciativa que amplia a atuação dos professores em temas como raça, periferias e suas interseções, pautas essenciais para combater o preconceito, o bullying e a violência escolar.

As contradições deste Brasil, tão solar e diverso, mas fraturado pela violência e preconceito, estão no palco na espetacular adaptação de "O Averso da Pele". Em um dos trechos mais comentados do texto do escritor Jefferson Tenório, o filho do personagem diz, em seu luto, que "é necessário preservar o avesso. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina o nosso modo de estar no mundo."

Em sua trajetória, o Boletim da Consciência Negra da APEOESP tem levado às escolas, denúncias e reivindicações, mas também a beleza universal da literatura e o poder da Educação e da Arte no combate a todas as formas de preconceito. Boa leitura!



Focado na Educação Antirracista, Boletim da Consciência Negra da APEOESP destaca-se como material interdisciplinar para implementação da Lei 10.639/03

Previsto no calendário escolar desde 2003, quando o ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras foi incorporado ao currículo, o Dia da Consciência Negra é agora feriado estadual. A lei sancionada no dia 13 de setembro é resultado de um projeto do deputado Teonílio Barba (PT), que atende à reivindicação histórica do movimento negro pela celebração de 20 de novembro, data alusiva à morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.

Outras lutas históricas do movimento negro estão avançando, através de políticas públicas, reparações e o aumento da diversidade no cenário político e cultural. O Boletim da Consciência Negra apresenta aqui algumas destas conquistas e também os obstáculos da implementação da Lei Federal que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica (10.639/03), há 20 anos.

O ano era 2003

A lei sancionada no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ainda enfrenta, duas décadas depois, obstáculos para incorporar aos componentes curriculares o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. A Pesquisa "Percepções sobre o Racismo no Brasil" revela que apenas 46% dos estudantes aprenderam história e cultura afro-brasileira no Ensino Básico e, entre os que tiveram este conteúdo, 47% consideram a temática pouco adequada.

O racismo é um gerador de violência no ambiente escolar. Mais de 3 mil denúncias de discriminação foram registradas em 2023 nas escolas estaduais paulistas. Crianças e adolescentes são humilhados, excluídos e agredidos diariamente; na maioria das vezes, por causa de sua aparência física.

Juventude Viva

No ano em que conquistou o Ministério da Igualdade Racial, o Brasil também retomou o Plano Juventude Negra Viva, focado na redução da violência letal que atinge os jovens negros. O plano interministerial, que envolve Educação, Justiça, Direitos Humanos, entre outros Ministérios, é a reedição de uma iniciativa lançada há dez anos, no mandato da presidenta Dilma Rousseff, com o nome de Juventude Viva.

No banco dos réus

O historiador Robert Slenes descobriu que durante o Império, o Banco do Brasil e outras instituições financeiras abriram ou ampliaram suas carteiras hipotecárias, oferecendo empréstimos a fazendeiros envolvidos no tráfico humano transatlântico. Este é um dos dados que embasam o inquérito, agora aberto no Ministério Público Federal, para investigar o envolvimento do Banco com a escravidão. A ação inédita no País é resultado da pesquisa de historiadores de 11 universidades em arquivos públicos, sobre os investimentos de escravocratas e heranças construídas

graças ao regime que sequestrou, torturou e escravizou a população negra.

Reparação

Uma rua do Bom Retiro, bairro identificado com as correntes imigratórias que marcam a História de São Paulo, tornou-se marco do movimento de reparação histórica. A Rua Jorge Velho passou a chamar-se Rua Zumbi dos Palmares, graças à lei 17.988, sancionada no dia 22 de setembro.

A substituição do nome do bandeirante Domingos Jorge Velho, responsável pelo ataque ao Quilombo dos Palmares, pelo nome de Zumbi é resultado da iniciativa do Projeto Zumbi Resiste, elaborado por alunos da Universidade Zumbi dos Palmares, que deu origem ao projeto de lei apresentado pelo vereador Professor Toninho Vespoli, em coautoria com as vereadoras Luana Alves e Sílvia da Bancada Feminista; todos do PSOL.

Pedagogias e Artes Antirracistas

A APEOESP está reunindo relatos de ações e projetos implementados com base nas Leis 10.639/03 e 11.645/08 (que acrescentou ao currículo o ensino da história e cultura indígena). O Sindicato sempre apostou no protagonismo da Educação na construção de uma sociedade antirracista. Os projetos pedagógicos devem ser enviados para o e-mail da Secretaria de Políticas Sociais e Promoção da Igualdade Racial da APEOESP: politsoc@apeoesp.org.br

Veja ainda nesta edição:

Estados em guerra	Pág. 2
A carta de Caetano ao Papa	Pág. 2
Amarildo: 10 anos	Pág. 2
O Averso da Pele	Pág. 3
Alegria & negritude	Pág. 3
Legados épicos	Pág. 4
Mulheres negras no STF	Pág. 4

Periferias sob a mira das facções e a ação da PM

"Na cidade do Rio de Janeiro, a violência atingiu índices iguais aos das grandes guerras pelo mundo. E o pior: vitimando cada vez mais crianças." - Caetano Veloso em carta ao Papa



Reprodução/Instagram

As dez crianças assassinadas no Rio de Janeiro, citadas na carta de Caetano ao Papa. No destaque, a jornada dos movimentos negros em protesto pela execução de Mãe Bernadete Pacífico

O Mecanismo Internacional Independente das Nações Unidas para Promover a Justiça Racial e a Igualdade no Contexto da Aplicação da Lei visitará o Brasil, entre os dias 27 de novembro a 8 de dezembro. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública explicam esta visita em 2023: 83% dos brasileiros mortos em ações policiais no ano passado eram negros; 76% deles tinham entre 12 e 29 anos.

Para combater a violência, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino (PSB), lançou no dia 02 de outubro o Programa Nacional de Enfrentamento às Organizações Criminosas, que prevê

investimentos de R\$ 900 milhões ao longo de três anos, que devem ser aplicados em ações, como a instalação de câmeras nas fardas dos PMs, um dos mecanismos apontados para reduzir as abordagens com execução.

O noticiário confirma que, nesta guerra, a população periférica e afrodescendente continua sendo o alvo, principalmente em São Paulo, Rio e Bahia.

As denúncias das violações praticadas pela Operação Escudo, adotada pela PM paulista na Baixada Santista após o assassinato do soldado Patrick Bastos Reis, no Guarujá, em 27 de julho, são um exemplo.

Amarildo 10 anos



Marcelo Vago

Familiares de Amarildo Dias não encontraram seu corpo e sequer foram indenizados, dez anos após o desaparecimento do pedreiro

A violência da Polícia na periferia, que já provocou protestos ruidosos e gigantescos na França e nos Estados Unidos, banalizou-se no Brasil há tanto tempo que um dos mais emblemáticos episódios da brutalidade policial no País acaba de completar 10 anos, sem explicações.

Em julho de 2013, o pedreiro Amarildo Dias de Souza, pai de seis filhos, desapareceu depois de ser abordado por policiais na Favela da Rocinha, zona sul do Rio de Janeiro, onde morava. Seu corpo jamais foi encontrado, mas 12 PMs foram condenados pelas torturas que provocaram sua morte. Órfãos, seus filhos ainda cresceram sob constante intimidação policial e até hoje aguardam indenização.

Direitos das Vítimas

A urgência de acolher vítimas de violações de direitos humanos, como a família de Amarildo Dias, e de outros crimes de ódio levaram o Ministério Público Federal a lançar, em 2022, o Movimento Nacional em Defesa das Vítimas.

A campanha, que tem como slogan "Todas as vítimas têm algo em comum: direitos", está no site <https://direitosdavitima.mp.br>

Operação Vingança

Considerada a mais letal operação policial desde o Massacre do Carandiru, em 1992, a ação tem sido comparada, por especialistas em segurança pública, a um esquadrão da morte, pelo caráter de vingança institucional da PM.

Nos seus 40 dias, a Operação acionada para prender o assassino do PM da Rota deixou 28 mortos. O Conselho Nacional de Direitos Humanos recebeu relatos de execuções sumárias, tortura, invasão de domicílios, destruição de moradias e, sobretudo, do assassinato de inocentes, entre eles, pessoas em situação de rua, desempregados e trabalhadores, como Wellington Gomes da Silva e Diogo Aparecido dos Passos Thomaz, entre outros.

Bahia

A impotência das forças de segurança no combate ao crime organizado levou a lógica do 'Esquadrão da Morte' também à Bahia. Levantamento da Anistia Internacional apresentado no final de setembro aponta que pelo menos 86 pessoas já foram executadas no Estado em operações recentes das Polícias Civil, Militar, Federal e também Rodoviária Federal.

A escalada da violência deixou ainda outras vítimas, como um policial federal morto durante operação contra uma organização criminosa, no dia 15 de setembro, e a líder quilombola Mãe Bernadete Pacífico, assassinada em agosto com 22 tiros.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam que a Bahia é o estado com o maior número absoluto de mortes violentas no Brasil desde 2019. Em 2022, o Estado liderou as estatísticas de mortes decorrentes de intervenção policial, com 1.464 casos.

Rio de Janeiro

Este embate entre facções, milícias e policiais já é rotina no Rio de Janeiro, onde o número de crianças, mortas ou feridas por tiros não para de crescer. Só em 2023, foram 11 vítimas com

idades entre 03 e 13 anos, que morreram enquanto brincavam, às vezes dentro da própria casa, ou a caminho da escola.

"A chamada guerra às drogas até hoje não reduziu o comércio ou o uso delas. Mas, o número de jovens, em sua maioria negros, mortos a bala, não para de crescer", escreveu Caetano Veloso em uma carta enviada ao Papa Francisco no dia 28 de setembro, na qual pede ajuda contra a violência no Rio, onde mora, e também na Bahia, onde nasceu.

A pesquisa Primeira Infância no Maré, divulgada um dia antes da carta de Caetano ao Papa, justifica o desespero do músico. Realizada pela ONG Redes da Maré, a pesquisa mostra que a exposição precoce à violência prejudica a participação escolar e o desenvolvimento das crianças. Os profissionais da Educação entrevistados contam que é comum que as crianças simulem o uso de armas em suas brincadeiras e apresentem sinais de abalo emocional, como choro compulsivo. No ano passado, 62% das ações policiais no Rio ocorreram nos arredores de escolas e creches.

Polícia Rodoviária



Charge da Folha de S. Paulo 'desenha' a ironia e crueldade do antigo Alibi da legítima defesa frente ao assassinato de uma criança

Uma das crianças vítimas desta guerra, Heloísa Santos Silva, de apenas 03 anos, foi morta pela Polícia Rodoviária Federal, na Baixada Fluminense. Atingida no banco de trás do carro dos pais, no último mês de setembro, Heloísa poderia estar viva, se o Brasil tivesse interrompido a brutal militarização da tropa criada em 1928, para ser a 'polícia das estradas', mas cooptada pela política armamentista do ex-presidente, agora inelegível, Jair Bolsonaro.

Em 2022, a PRF esteve envolvida em dois casos de repercussão internacional, a morte por asfixia de Genivaldo de Jesus, trancafiado no porta-malas da viatura durante uma abordagem em Umbaúba, Sergipe, e uma chacina com 22 vítimas na Vila Cruzeiro, zona norte do Rio. Em 2021, uma operação da Polícia Rodoviária Federal deixou 26 mortos em Varginha, Minas Gerais.

Virar do avesso para resistir e inspirar



Matheus José Maria / Divulgação



Atores emergem dos livros para contar a história do professor Henrique, narrada no premiado romance de Jeferson Tenório (no destaque)

“O Averso da Pele” terá uma sessão histórica e gratuita no Teatro Municipal de São Paulo, no dia 20 de novembro. Em cartaz no circuito SP-Rio desde o dia 02 de março, esta primeira montagem do romance homônimo de Jeferson Tenório, que conquistou o Prêmio Jabuti em 2021, deve ganhar, em breve, adaptação cinematográfica.

A história de Henrique, um professor da rede pública apaixonado por Literatura e que é assassinado pela polícia, após dar a melhor aula da sua vida, é narrada por seu filho, Pedro. Em um episódio no qual todos os professores se reconhecem, Henrique encontra um ponto de conexão entre a realidade dos seus

alunos, em um colégio público de Porto Alegre, e a vida do protagonista de “Crime e Castigo”, o clássico de Dostoiévski.

“Conheço um cara que já matou duas pessoas”, diz o professor referindo-se a Raskolnikov, o desesperado estudante que protagoniza o clássico russo, mas também falando sobre a realidade dos seus alunos.

O drama foi adaptado ao teatro pelo Coletivo Ocutá, formado por jovens atores que utilizam o humor, o funk e o deboche adolescente para falar sobre Educação, racismo, violência e paternidade.

A beleza da Literatura

Amargurados pela miséria, os perso-

nagens de Dostoiévski estão no palco, ao lado de estudantes periféricos, contagiados pela beleza universal da Literatura. Não por coincidência, o espetáculo começa com o elenco mergulhado em livros. “Os atores frequentaram os infernos dos personagens e regressaram com arte e delicadeza”, elogia o escritor Jeferson Tenório, que assistiu aos primeiros ensaios da adaptação do seu premiado livro, ainda durante a pandemia, através de uma live.

Um dos quatro atores em cena e também assistente de direção do espetáculo, Vitor Brito foi indicado ao Prêmio APCA 2023. Dirigido por Beatriz Barros, o Coletivo Ocutá divulga as próximas sessões do espetáculo, através do perfil @avessodapele.

Ao som do funk

Leon Rodrigues / SECOM do PMSP



O funk estreou no palco do Teatro Municipal, no dia 02 de outubro, para o lançamento da inédita Coordenadoria de Políticas Públicas do Funk

Um dos palcos mais tradicionais do País, o Teatro Municipal de São Paulo é cada vez mais cenário da cultura negra e periférica. A icônica apresentação de ‘AmarElo’, de Emicida, em novembro de 2019, foi um marco deste movimento de ‘ocupação cultural’. Agora, a alegria afrontosa do funk, que embala o espetáculo “O Averso da Pele”, dá continuidade a esta história.

No dia 02 de outubro, o Teatro inaugurado em 1911 recebeu os principais ícones do movimento, no lançamento da inédita Coordenadoria de Políticas Públicas do Funk, órgão vinculado à Prefeitura de São Paulo.

Ao lado de políticos e ativistas, DJ Marlboro, Tati Quebra-Barraco e muitos outros MCs cantaram, dançaram e celebraram a conquista de uma antiga reivindicação do movimento que unifica música e arte urbana nas periferias e favelas do Rio de Janeiro e São Paulo. Os bailes funks das décadas de 80 e 90 também acabam de ganhar o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Rio de Janeiro.

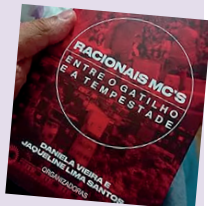
O músico-pesquisador Meno Del Picchia, que coordena um curso de extensão sobre funk na Universidade Santa Marcelina, defende que o ritmo tem origem afro-brasileira. “É ancestral e é resultado da recriação de tradições das populações escravizadas no Brasil”, explica em sua tese de doutorado sobre o funk, defendida em 2021 na USP.

Sugestão de aula:



“Racionais, das ruas de São Paulo pro mundo” é uma aula para a compreensão da desigualdade social, que condena a periferia à violência e ao racismo. Em cartaz na Netflix, o documentário traz gravações e músicas dos trinta anos de carreira do quarteto, que se intitula “os quatro pretos mais perigosos do Brasil”.

Destaque ainda para “Racionais MC’s - entre o Gatilho e a Tempestade”, que reúne artigos de especialistas em diversas disciplinas sobre o grupo reverenciado no meio acadêmico como parâmetro de debates sobre racismo, desigualdade e periferias. O livro da Editora Perspectiva foi organizado pela antropóloga Jaqueline Lima Santos e a socióloga Daniela Viegas.



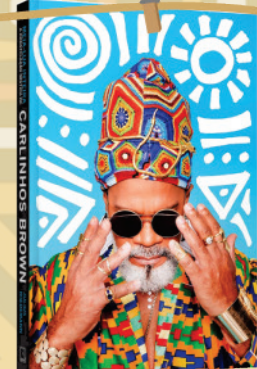
Dicas culturais: Alegria e negritude



🎬 Chega às telas em novembro a sequência de “Ó Paí, Ó”, comédia musical com o Bando de Teatro Olodum. “Preparem-se para mergulhar numa sequência cheia de risadas, emoção e música boa”, avisa o ator Lázaro Ramos, protagonista da história e uma das revelações do Olodum. Gravado no Centro Histórico de Salvador, “Ó Paí, Ó 2” segue a história do animado cortiço, que já foi adaptada para a TV em uma série homônima, lançada em 2007.



🎬 Um dos primeiros negros a fazer sucesso na TV brasileira, Mussum tornou-se um ícone pop no século XXI. “Mussum, o Filmis” é a cinebiografia de Antônio Carlos Bernardes Gomes, que conquistou seis Kikitos no Festival de Cinema de Gramado antes mesmo de chegar às telas. Interpretado pelo ator Ailton Graça, o humorista e músico consagrado no Originais do Samba e nos Trapalhões já teve sua vida retratada em documentário e no livro “Mussum - Uma História de Humor e Samba”.



🎬 “Meia-Lua Inteira: a Constelação Mística de Carlinhos Brown”, do editor Julius Wiedemann, é a biografia do músico e ativista que protagoniza projetos como a Timbalada, os Tribalistas, The Voice Brasil, além de já ter recebido uma indicação ao Oscar. “Sua obra vai muito além do campo musical, inspira e impressiona pela dimensão humana. Cada um é aquilo que reflete nos outros e na vida. Brown é brilhante”, resume Marisa Monte, na orelha do livro lançado pela Editora Record.



Letras, cores e sons de Glória, Emanuel e Elza



Considerado o Oscar da comunidade negra, o Troféu Raça Negra é dedicado este ano à jornalista Glória Maria, que recebeu a premiação duas vezes. A jornalista, falecida no dia 02 de fevereiro, também será patrona da 11ª Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, a FlinkSampa.

A Universidade Zumbi dos Palmares anunciou ainda que vai lançar o curso de Jornalismo Glória Maria, em homenagem ao inspirador currículo de reportagens em lugares espetaculares, entrevistas com celebridades do mundo pop e ainda realizações marcantes, como o fato de ter sido a primeira mulher brasileira a cobrir uma guerra, em 1982, quando acompanhou ao vivo a Guerra das Malvinas.

Museu Emanuel

Assim como Glória Maria, o artista plástico e colecionador Emanuel Araújo também trabalhou até os últimos dias de vida e construiu uma trajetória marcada pelo pioneirismo. Uma de suas criações, o Museu Afro Brasil passou a se chamar Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, em dezembro de 2022, três meses após sua morte.

Em 2004, Emanuel inaugurou o Museu, localizado no Parque do Ibirapuera, a partir da sua própria coleção de arte

afro-americana, que reúne esculturas, documentos, gravuras, fotografias e pinturas.

Álbum póstumo

Falecida em janeiro de 2022, Elza Soares continua entre nós, cantando contra a intolerância e o machismo. O álbum "No Tempo da Intolerância", lançado no último mês de junho, é um testamento musical da cantora e também o primeiro só com seu trabalho de compositora. As músicas clamam por justiça social e retratam os anos Bolsonaro, em letras que falam da fome, da violência e da intolerância.

Qual a cor do poder?

O protagonismo de mulheres negras, brilhantemente representado por Glória Maria e Elza Soares, ganhou novo capítulo no Brasil com a gigantesca mobilização pela indicação de uma mulher negra ao Supremo Tribunal Federal. Dos 171 ministros que já integraram o STF, apenas três homens negros e três mulheres brancas romperam a hegemonia de homens brancos em 132 anos de história. Para aderir à luta pela diversidade brasileira no STF, acesse <https://ministranegranostf.com.br>

Onde ver artistas negros

No Pavilhão do Ibirapuera - Segue até o dia 10 de dezembro a 35ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, que apresenta o maior número de artistas não brancos de sua história e muitas obras que refletem sobre a espiritualidade de religiões de matriz africana. Com o tema "Coreografias do Impossível", a Bienal reúne 1.100 obras de 121 participantes de diversos países e de muitas etnias de povos originários.

No Sesc Belenzinho - "Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro" é uma das mais abrangentes exposições dedicadas

à obra de artistas negros contemporâneos do País. Em cartaz na unidade Belenzinho do Sesc, a exposição fica em cartaz até janeiro de 2024.

No MAM e no Museu Afro - 'Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira' revisita o legado da icônica 'A Mão Afro-Brasileira', realizada em 1988, no centenário da abolição da escravatura. A exposição que reúne artistas populares, acadêmicos, modernos e contemporâneos está em cartaz no Museu de Arte Moderna e no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, ambos no Parque do Ibirapuera.

Afroleituras

A atriz Léa Garcia lançou no seu aniversário de 90 anos, no último mês de julho, "Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia". A biografia da atriz que faleceu no dia 15 de agosto foi escrita por Júlio Cláudio da Silva e publicada pela Editora da Universidade do Estado do Amazonas.



Pela primeira vez, o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano é concedido a uma mulher negra. Ex-professora da rede pública, a escritora Conceição Evaristo vai receber o prêmio das mãos do padre Júlio Lancellotti, ganhador em 2022. Seu mais recente livro é "Canção para ninar menino grande", publicado pela Editora Pallas.

"O Jesus Negro - O grito antirracista da Bíblia", livro que o Pastor Henrique Vieira lança pela Editora Planeta, reforça o papel contestador de Cristo, excluído e perseguido como o povo negro. "A Bíblia foi escrita em ambiente semelhante ao dos quilombos. Ela traz uma experiência popular, periférica e negra: conta como Deus se compadece dos oprimidos e os chama para a liberdade", defende Henrique Vieira, que é historiador e também um dos mais célebres evangélicos do Brasil, além de deputado federal.



O HQ 'Indivisível' resgata a história negra paulistana, que tem capítulos inusitados como a vida na Liberdade, local onde o policial alforriado Chaguinhas foi morto. A trajetória de Francisco José das Chagas, nome de batismo do soldado, terminou no Pelourinho que existiu no bairro paulista, entre os séculos XVIII e XIX. Além do gibi de Marília Marz (Conrad Editora), o resgate desta e de outras histórias invisibilizadas, como o Cemitério dos Afritos e o Quilombo Saracura, estão no foco de uma série de iniciativas, inclusive de projetos de lei em trâmite na Câmara e Assembleia Legislativa de São Paulo.



www.apecesp.org.br



Boletim da Consciência Negra
Nov./2023

expediente



Dirigentes responsáveis

Fábio Santos de Moraes
Primeiro Presidente

Maria Izabel Azevedo Noronha
Segunda Presidente

Francisco de Assis Ferreira
Secretário de Comunicações

Rui Carlos Lopes de Alencar
Vice-Secretário de Comunicações

Rita de Cássia Cardoso

Secretaria de Políticas Sociais e Promoção da Igualdade Racial

Richard Araújo

Vice-secretário de Políticas Sociais e Promoção da Igualdade Racial

Conselho Editorial

Fábio Santos de Moraes
Maria Izabel Azevedo Noronha
Francisco de Assis Ferreira
Rui Carlos Lopes de Alencar
Zenaide Honório

Sérgio Martins da Cunha
Rita de Cássia Cardoso

Richard Araújo
Mônica Antonio da Silva Fernandes
Jessé Pereira Felipe
Roberto Guido

Miguel Noel Meirelles
Walmir Siqueira
Ozani Martiniano de Souza

Coordenadora do Coletivo Milton Santos
Deborah Cristina Nunes

Texto e Edição:
Ana Maria Lopes - Mtb 23.362

Produção:
Secretaria de Comunicações da APEOSP

Tiragem: 15 mil exemplares